

# DESCOBRINDO OS CAMINHOS DA CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO NO ASSENTAMENTO PALMARES EM CRATEÚS-CE.

Luciana Rodrigues Ramos <sup>(1)</sup>

José Levi Furtado Sampaio <sup>(2)</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo foi investigar e identificar no cotidiano das famílias, os vários modos de convivência e de apropriação da natureza no Semi-Árido. Foi utilizada a metodologia da pesquisa participante, de caráter qualitativo, realizado no Assentamento Palmares, no município de Crateús, Estado do Ceará. Para apreensão dos dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, questionários, histórias de vida, diagnóstico participativo, fotografias, diário de campo e oficinas de educação e discussão. Pode-se constatar no estudo que as famílias assentadas utilizam diferentes estratégias para conviver no Semi-Árido como: a utilização dos recursos da caatinga, a cultura em diferentes formas de expressão, as técnicas de armazenamento de sementes e da água da chuva, agricultura e pecuária, atividades não agrícolas, solidariedade dos amigos e parentes e os sonhos de vida, conclui-se que é possível viver no Semi-Árido Brasileiro, desde que os povos tenham acesso a programas sociais, educação, saúde, geração de renda, valorização da cultura local, garantia de assessoria técnica especializada e comprometida com as mudanças e que instrua aos povos técnicas de produção sustentáveis que lhes motivem a permanecer no campo.

**Palavras-chave:** convivência; semi-árido; assentamento e meio ambiente.

## ABSTRACT

The objective of this research was to investigate and to identify in the daily of the families, the several coexistence manners and of appropriation of the nature in the Semi-arid. A methodology of the participant research was used, of qualitative character, accomplished in the Assentamento Palmares, in the municipal district of Crateús, State of Ceará. For apprehension of the data semi-structured interviews, questionnaire, life history, diagnosis, pictures, field diary and education workshops and discussion were accomplished. It can be verified in the study that the seated families use different strategies to live together in the Semi-arid as: the use of the resources of the caatinga, the culture in your different expression forms, the techniques of storage of seeds and of the water of the rain, family agriculture, activities non agricultural, the friends' solidarity and family and the life dreams, it is ended that is possible to live in the Semi-arid Brazilian, since the people have access the social programs, education, health, generation of income, valorization of your local culture, warranty of specialized technical consultantship and committed with the changes and that instructs the people technical of maintainable production that motivate them to stay in the field.

Word-key: coexistence; semi-arid; establishment and environment.

---

<sup>(1)</sup>Economista Doméstica, pela Universidade Federal do Ceará e Especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo pela Universidade Federal do Ceará, Mestranda em Geografia, ufcluciana@yahoo.com.br.

<sup>(2)</sup>Geógrafo, Doutor em Geografia Humana pela USP, professor adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará. Geógrafo, Doutor em Geografia Humana pela USP, professor adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, joselevi@uol.com.br.

## INTRODUÇÃO

Este de artigo é resultado da atuação do Programa Residência Agrária, que tem como título Programa Nacional de Educação do Campo: Formação de Estudantes para Assistência Técnica, lançado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), com o intuito de atender a carência de assistência técnica e extensão rural nos assentamentos da reforma agrária brasileira. No Ceará o convênio foi firmado com a Universidade Federal do Ceará (UFC), com o objetivo de qualificar estudantes recém-egressos dos cursos do Centro de Ciências Agrárias (CCA), para discutir sobre uma nova concepção de assessoria técnica na perspectiva de promover o desenvolvimento rural sustentável e para a melhoria da qualidade de vida no campo.

O Semi-Árido Brasileiro (SAB) ocupa uma área total de 974.522km<sup>2</sup>. A sua localização ocorre nos estados do Nordeste (84,48%) com exceção do Maranhão; também se encontra no norte do estado de Minas Gerais (11,01%) e norte do Espírito Santo (2,51%), conforme dados da Articulação do Semi-Árido (ASA, 2004). As chuvas são distribuídas irregularmente no tempo e no espaço. Além disso, o solo é raso e guarda pouca água. Para completar, a evaporação da água é muito alta por força do sol e do vento e pela falta de plantas e outras coberturas naturais. Diante dos problemas sociais e climáticos, o Semi-Árido necessita da cultura de convivência, que considere o fenômeno da seca, os recursos naturais disponíveis e os seres humanos que habitam neste tipo de clima. Segundo critérios da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que utiliza como critério à precipitação pluviométrica de até 800mm, como classificatório para o clima Semi-Árido, no Ceará constam 134 municípios no Semi-Árido. Mas utilizando-se dados, além deste, também de solos e fitogeografia local, a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) caracteriza 180 municípios abrangendo uma área de 136.323km<sup>2</sup> de semi-áridez que corresponde a 92,1% do território cearense. 100% da área do município de Crateús encontra-se no Semi-Árido (BEZERRA, 2004).

As tradições indígenas e camponesas detêm os “segredos do Semi-Árido” que deram às famílias do campo a oportunidade de conviverem nas privações do Semi-Árido, ao longo dos anos. Poletto (2001), indica que somente estudos antropológicos poderão resgatar estes exemplos de convivência, muitos dos quais poderiam ser utilizados nos dias atuais. Porém podemos encontrar atualmente, o resgate e a valorização das manifestações culturais, como na música, na religiosidade, nas comemorações, nos versos, o resgate da relação sociedade-natureza, no contexto com o Semi-Árido.

Ao conversar com os assentados investigou-se e identificaram no cotidiano das famílias os vários modos de convivência e de apropriação da natureza no Semi-Árido, as dificuldades de viver no SAB e as estratégias de convivência com a seca; e o resgate as percepções climáticas e culturais locais dos assentados acerca do que seja o Semi-Árido; contribuindo junto às famílias assentadas, às Políticas Públicas, Movimentos Sociais e a Universidade com o conhecimento e o fortalecimento das atividades sustentáveis de convivência no Semi-Árido.

Utilizamos a abordagem da pesquisa participante. Segundo Rocha (2004) esta abordagem metodológica desafia nos desafia a ver e compreender os sujeitos e seu mundo, a partir de um trabalho social e político que constituirão a razão da prática, igualmente, a razão da pesquisa. Um trabalho dessa natureza, propicia aos grupos populares o entendimento de seus problemas, para que eles possam perceber-los e levantar alternativas que vão ao encontro aos seus interesses, com propostas de mudanças, envolvendo os grupos populares como “sujeitos de conhecimento”. Desta forma, fomos convidados a “participar” da vida e da cultura, com relação de convivência e de compromisso com a comunidade.

Nessa perspectiva de trabalho foi realizado um levantamento e constatou-se dados em instituições como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), [Superintendência Estadual do Meio Ambiente - Ceará](#) (SEMACE), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA), e levantamento bibliográfico, em dissertações, livros, Plano de Desenvolvimento do Assentamento (1998) e (2005). Para o trabalho em campo, técnicas qualitativas de investigação tais como: observação participante, diagnóstico participativo, fotografia, entrevistas semi-estruturada, diário de campo. Para a discussão dos problemas no assentamento foram realizadas oficinas de discussão e educação, com temas estabelecidos pela comunidade de acordo com a necessidade, para se concretizar coleta de dados e as trocas de experiências e de conhecimento.

## **1.0 AS CARACTERÍSTICAS CLIMÁTICAS ECONÔMICAS E SÓCIO-AMBIENTAIS DO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO**

Podemos concordar que o Semi-Árido Brasileiro é altamente complexo. Algumas de suas características são particulares, referente ao contexto de outras áreas Semi-Áridas do mundo.

Segundo Filho (2006) o Semi-Árido brasileiro é a única região Semi-Árida do globo, localizada no interior da zona Equatorial da Terra, com uma estação climática seca e chuvosa; com pequeno aproveitamento das águas da chuva, 92% das águas são consumidas pela insolação, evaporação e evapotranspiração, diferentes de outras áreas como os EUA e Israel que a perda das águas da chuva é de, 45%; é a região Semi-Árida mais povoada do planeta.

A sua vegetação, a *caatinga*, é única no mundo e significa, *mata branca* e seus aspectos embranquecido no tronco e galhos, repelem os raios solares; apresenta uma flora e fauna riquíssima que sustenta a maior diversidade populacional das regiões Semi-Áridas, dando-lhes “frutas, madeiras, cera, fibras, medicamento, substâncias aromáticas e carvão” (MAIA, 2004, p.68).

Segundo a Articulação do Semi-Árido ASA (2004), o Semi-Árido Brasileiro apresenta-se com um imenso território, com duas vezes mais habitantes que Portugal e no qual caberiam a França e a Alemanha juntas; compreendendo uma área total de 974.522Km<sup>2</sup>, com localização nos estados do Nordeste (84,48%) com exceção do Maranhão; também se encontra no norte do estado de Minas Gerais e norte do Espírito Santo, conforme dados da (ASA, 2004). Com cerca de 24 milhões de pessoas, 56% da população nordestina e 15% da população brasileira, dados do IBGE (2000) indicado por Macedo (2004).

Para Macedo (2004), o mosaico de ambientes naturais e de grupos humanos não é uniforme. Nessa região atua uma heterogeneidade climática diferente de outras regiões brasileiras. As chuvas não caem ordenadamente, o solo é raso e guarda pouca água. No subsolo há muita rocha e granito e para agravar a situação, a evaporação da água é muito alta e falta cobertura vegetal para proteger o solo. Conclui-se que há uma grande fragilidade ambiental nessa área. A atual preocupação é a de que a cada dia as regiões do Semi-Árido, devido a um manejo insustentável do homem, se transforme cada vez mais em deserto.

Segundo Vieira (2004), uma seca pode caracterizar tanto pelo baixo nível da precipitação anual em relação à média de ano de chuvas normais (seca meteorológica) quanto pela distribuição irregular durante o período chuvoso. No Brasil o que caracteriza realmente uma “seca” não é o baixo volume de chuvas caídas, mas sim sua distribuição no tempo e no espaço.

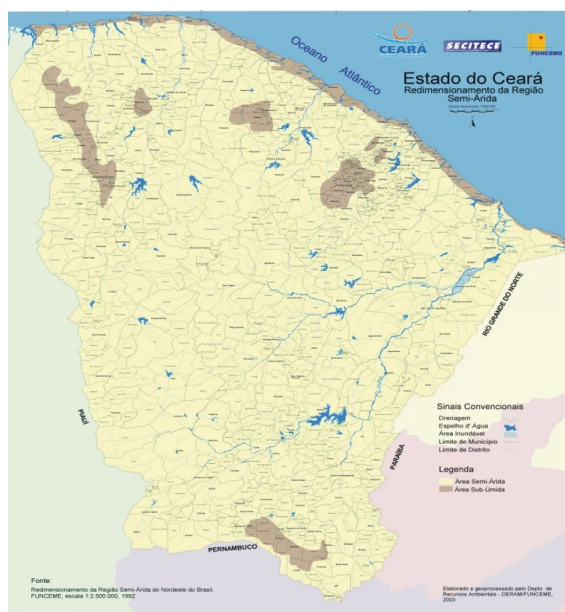
Encontra-se nesta região do Semi-Árido o Polígono das Secas<sup>1</sup>, caracterizado por baixa pluviosidade, entre 250mm e 800mm anuais. Existem neste clima duas estações distintas no ano, a estação chuvosa que dura de 3 a 5 meses e a época de seca de 7 a 9 meses (MAIA, 2004).

**Figura 02- Mapa da semi-áridez no Nordeste Brasileiro**



FONTE: FUNCEME/2003

**Figura 03- Redimensionamento do Semi-Árido no Ceará**



FONTE: FUNCEME/2003

<sup>1</sup> Polígono das Secas: compreende a área do Nordeste brasileiro reconhecido pela legislação como sujeita a repetidas crises de prolongamento das estiagens e, conseqüentemente, objeto de especiais providências do setor público. É composto de diferentes zonas geográficas, com distintos índices de aridez. Em algumas delas o balanço hídrico é acentuadamente negativo, onde somente se desenvolve a caatinga hiperxerófila (com grande capacidade para armazenar água). Em outras, verifica-se balanço hídrico ligeiramente negativo, desenvolvendo-se a caatinga hipoxerófila (com pequena capacidade para armazenar água). Existem também áreas de balanço hídrico positivo e presença de solos bem desenvolvidos. Contudo, nessa área ocorrem, periodicamente, secas que representam, na maioria das vezes, grandes calamidades, ocasionando sérios danos à agropecuária nordestina e graves problemas sociais. DISPONÍVEL: <http://www.cliquesemiárido.org.br/inicial.asp>

Quanto à estrutura socioeconômica a Região Nordeste é marcada por profundas desigualdades. A estrutura fundiária é caracterizada pelo alto grau de concentração de terras: (latifúndio) nas mãos de poucos donos com extensas terras e o grande número de pequenos estabelecimentos (minifúndios) que são compostos de áreas insuficientes para garantir o sustento adequado das famílias nas mãos de pequenos agricultores, que residem e trabalham nestes locais. Para agravar, a maioria dessas famílias, não tem a posse da terra são: posseiros e meeiro, irregulares na terra onde vivem.

O Ceará enquanto estado situado geograficamente no Semi-Árido, apresenta taxa de analfabetismo de 44%, contra 41% no Nordeste e de 29% no Brasil. A taxa de mortalidade infantil é de 52%, enquanto no Nordeste é de 53% e no Brasil 35%. No que diz respeito a distribuição de renda, 19,95% da população economicamente ativa tem renda igual ou inferior a um salário mínimo. Finalmente, o número de domicílios beneficiados com água encanada corresponde à 76,40%, é ainda baixo em relação ao do Nordeste e nacional, 80,9% e 89,2%, respectivamente, como declara Lima<sup>2</sup> indicado por (VIEIRA, 2004.).

O histórico de políticas públicas de combate a seca e a miséria no Semi-Árido, comprova que mesmo com “boas intenções” não quebraram as correntes do atraso das oligarquias, do apoio ao clientelismo, favoritismo e o assistencialismo e da concentração fundiária; só reproduziram a pobreza, a desigualdade e a exclusão social do homem e da mulher do campo. Ocorre, segundo Mattos (2004, p.79), uma urgência em reformas sociais, pois “apesar do volume as grandes obras, os efeitos da seca no SAB para a parcela mais frágil da população não foram sanados”, mesmo com o aumento da disponibilidade da água não levou a democratização e acesso à água, o que pode ser contemplado a poucos metros do Açude Castanhão.

Novos questionamentos são formados pelos movimentos sociais diante da realidade dos problemas econômicos sócio-ambientais que a população enfrenta. É necessário construir de maneira crítica de ação, junto às comunidades com um processo de aprendizado social amplo com um convite de ação, abrindo um diálogo entre o conhecimento e os saberes tradicionais, sendo assim como indica Mattos (2004) saber conviver com o Semi-Árido é opção de vida, redefinição do sentido da existência e de qualidade de vida que se quer ter, assim se poderá redimensionar a sociedade - natureza no SAB.

---

<sup>2</sup> LIMA, P. V.P. S. **Relações econômicas do Ceará e a importância da água e da energia elétrica no desenvolvimento do Estado**. Tese, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” Universidade de São Paulo- USP, 2002. 250p.

## **2.0 ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO: USO DAS PRÁTICAS CULTURAIS, DA PRODUÇÃO E DOS RECURSOS NATURAIS**

A história de Crateús foi extraída do livro *Resgate Histórico de Piranhas à Crateús* das pesquisadoras Martins & Sales (1995), o município de Crateús cujo origem do nome vem linguagem dos índios da nação TAPUYA, tribo KARIRÍ, KRA-seco, mais TE-lugar, formou KRATE, coisa seca, ou lugar seco e YU, muito seco situa-se na região de Crateús/Inhamuns. O clima é caracterizado como clima tropical quente Semi-Árido e clima tropical quente Semi-Árido brando. A vegetação predominante é a caatinga arbórea e arbustiva aberta.

A temperatura máxima chega a 32°C e mínima à 21°C. a pluviometria é considerada normal de 731mm anual, mas é relativo, pois em 1998 foi de 340 mm e em 1999 foi de 885 mm. É neste espaço no Semi-Árido do sertão que está implantado o assentamento.

Segundo INCRA (1998) um dado que deixa destaque é sobre a concentração de latifúndios, onde no total são 1665 imóveis rurais em 1999, destes 788 imóveis concentram de 5 a 100 ha de área e somente 25 imóveis sozinhos já ocupam de 1.000 a 5.000 há, a concentração de terra é um grave problema para a sobrevivência no Semi-Árido e aplica a urgência da reforma agrária nesta região.

Na busca de compreender como se deu o processo de adaptação e de convivência com a terra onde as famílias estavam acampadas, procurei através da história de vida dos assentados que participaram da ocupação, as formas de interação com os recursos naturais disponíveis, como a água, alimentação, solo, vegetação e o clima.

Articulados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um grupo de pessoas adentrou na fazenda Serrote, à noite, no dia 28 de dezembro de 1993, cortando as cercas de arame e se alojaram debaixo das oiticicas. Era um total de 43 famílias que naquela noite realizariam a ocupação.

Inicialmente, a primeira dificuldade das famílias acampadas era que em dezembro e janeiro a região estava com um inverno rigoroso, com chuvas intensas. A lona que conseguiram só dava para cobrir os alimentos e as crianças. Os adultos ficavam em pé com as redes nas mãos embaixo das árvores, passando muito frio.

Da natureza eles retiravam ervas para chás, cascas e folhas para remédios caseiros, comiam carne de cobra, peixe e o gado da fazenda. Os homens caçavam, enquanto as mulheres cuidavam do acampamento e do preparo da comida, para ser distribuída para todos no acampamento.

A desapropriação, da fazenda Serrote, foi assinada pelo Presidente da República Itamar Franco em 16 de agosto de 1994, mas somente um ano depois receberam pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a “Imissão de Posse” em 16 de agosto de 1995. O registro está feito no Cartório do 2º Ofício, no Livro 02AL, na folha 61-V, no município de Crateús. Foi uma grande festa com a presença de varias instituições, prefeitura de Crateús, a Igreja Católica e Movimentos Sociais.

O Assentamento Palmares, possui uma área de 4.052 hectares (50 módulos), está localizado no Município de Crateús, na micro-região homogênea “Sertões de Crateús”, na margem direita da BR 404, que liga Crateús a Pedro II, a uma distância de 22km da sede municipal (a distância de 22 km é para a Associação I, no caso da Associação II essa distância passou a ser de 20 km). O Palmares, foi dividido em duas áreas, sendo que para a Associação I ficou uma área de 2.364 hectares e para a Associação II 1.688 hectares. O número de famílias que residem na agrovila da Associação I são 70, e na agrovila da Associação II são, 40.

Os recursos hídricos são diversificados: composto por rio, poços, lagoas, cacimbões e um açude.

O rio Pinheiros lava as terras do assentamento é de regime temporário e que por sua vez pertence a bacia do rio Poti. Esse rio é extremamente importante para as pessoas ali assentadas, uma vez que o abastecimento de água, tanto para consumo humano como para os animais é basicamente efetivado por ele. As famílias contam com as cisternas de placa para o consumo de água da chuva no verão.

**Figura 04-Cacimba do assentamento**



FONTE: Ramos, 2006

**Figura 05-Cisterna de placa**



FONTE: Ramos, 2006

Há no Palmares uma variedade de plantas da Caatinga, como: catingueira, jurema preta e branca, angico, pereiro, dentre outras. Porém ao passar dos anos devido as práticas de desmatamento, os assentados observaram que está diminuindo a incidência de determinadas



espécies nativas com: aroeira, pau d'arco, juazeiro. Da madeira eles transformam e utilizam no seu dia-dia, como:

**Quadro 01 – Uso da natureza pelos assentados**

<b>OBJETOS</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>MÉTODO DE TRANSFORMAÇÃO E MATÉRIA PRIMA</b>
<b>USO DOMÉSTICO</b>		
Ripa, caibro	Estrutura.	Madeira é de Jatobá, Aroeira, Carnaúba, Marmeleiro e Sabiá.
Cabaça	Para retirar água, depositar ovos e gêneros alimentícios e carregar água.	Retira cabaça da árvore, limpa e seca ao sol.
Porta e portão	Para proteger a casa.	Extraí a madeira da Imburana e transforma em varas para o portão ou tem tábuas para a porta.
Balsa	Ajuda no transporte, na passagem do rio, no inverno.	Retira madeira do Mulungú.
Colher de pau	Utilizada na culinária.	Madeira do Mulungú ou Imburana, transformada em tábua grossa.
Vassoura	Limpeza de quintais e no interior da casa.	Feita da palha das folhas secas da Carnaúba.
Chapéu	Proteção do sol.	Feita da palha das folhas secas da Carnaúba
Cabo do manemago	Veículo utilizado para transportar a água.	extraí a madeira do Sabiá ou Marmeleiro e transformado em cabo.
Mesa e cadeira	Utilização doméstica.	Extraí madeira da Imburana ou aroeira e transforma em peças para cadeira e mesa.
Bica	Para banho e para captação de água da chuva.	Retira de uma árvore morta o troco do Angico ou Catingueira e transforma em bica.
<b>USO NA PRODUÇÃO</b>		
Cabo da enxada	Sustenta a parte de metal da ferramenta.	Extraí a madeira do Marmeleiro que é leve e resistente e transforma em cabo.
Cabo da foice	Sustenta a parte de metal da ferramenta.	Cabo feito do Pau d'arco.
Cabo do machado, picareta e chibanca	Sustenta a parte de metal da ferramenta.	Cabo feito da madeira de Pereiro.

Prensa	Fabricação de queijo.	Retira madeira do Pau d'arco e transforma em prensa.
Cerca	Delimita a área.	Madeira resultante da brocagem.

FONTE: Levantamento realizado junto aos assentados. Abril /2005

Das folhas, raízes e rasps das árvores são preparados para a medicina caseira, como por exemplo o angico para gripe, aroeira para inflamação e banburrall para infecção urinária.

Com um sistema produtivo voltado basicamente para o suprimento das suas necessidades básicas, os assentados têm os membros da familiar como principal fonte de trabalho. Tudo que é produzido no assentamento é consumido pelas famílias. O acesso à alimentação vem da criação de porco, carneiro, bode, o leite e carne da vaca, ovos, carne da galinha e do roçado, colhem o milho, o feijão, arroz, melancia, jerimum. Pescam peixe do rio e no açude, e extraem mel de abelha.

As principais fontes de renda vêm dos produtos agropecuários, dos trabalhos não agrícolas, dos projetos de transferência de renda e da aposentadoria. Há ainda famílias que recebem ajuda financeira de outros familiares, caracterizando a pluratividade. As principais atividades não agrícolas realizadas e geradoras de renda no assentamento são: a fabricação de queijo, da nata, trabalhos manuais como crochê, tapetes, corte e costura e bordado, uma agente de saúde, professoras, merendeira, marceneiros, outros. No Assentamento Palmares a assistência técnica é composta pela ACACE e na Associação II é realizada por uma empresa particular. Através do convênio entre o Incra e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), é um técnico agrícola e um engenheiro agrônomo, que dão assessoria na hora de plantar, acompanhamento dos animais e avaliação e planejamento dos projetos do assentamento. Há uma proposta que em 2007, a Associação I receba o crédito investimento, para isso ACACE está há mais de um ano levantando discussões.

De acordo com Schama apud Mattos (2004), é impossível verbalizar a natureza desassociada de expressões culturais de um povo. É através da cultura que é possível compreender as ações entre Sociedade - natureza e relações humanas. Segundo Carvalho (2005) o trabalho com a natureza é uma das formas do ser humano expressar a sua cultura. A lógica do camponês é cercado de forças sobre-naturais, personificação do sagrado e do profano, seres da natureza e da fé pelo divino.

Os assentados do Assentamento Palmares, utilizam a observação dos astros do céu (lua, planetas, estrelas), comportamento dos animais, o formato e as cores das nuvens. Comportamento dos animais, flora das plantas, para prever a chuva. Como explicam:

É lembrei um pouco aqui do meu pai, né, ele dizia assim, quem observava muito os astros ele dizia que, ele chamava de lunático né, por exemplo, nós temos uma frequência de áreas chuvosas, normalmente na passagem entre a lua nova e a lua crescente, né, agente tem sempre um afastamento do inverno, e quando é na outra passagem da lua nova pra lua cheia, é mais frequente a chuva. Isso eu tenho observado, né, os posicionamentos dos astros. Também, o que eu observo também é o comportamento dos insetos com relação ao inverno né, normalmente a gente dá uma observada. Por exemplo, quando tá próximo a chover, quando tá o verão intenso, se aproxima a chegada da temporada chuvosa é normal você andar nas croas e encontrar muitos tejos, cobras. Eles saem pra comer alguns insetos pra na época da chuva eles retornarem pra toca e tarem abastecidos, então [...]. Então são os sinais que a gente vai observando né, as fases da lua e alguns comportamentos de insetos, pássaros, essas coisas. (Depoimento de um assentado do Palmares I, maio de 2006).

Sobre o relacionamento entre as famílias foram unânimes em dizer que vivem como uma grande família. As relações humanas estão inseridas na construção cultural, engloba a relações de parentesco, ao relacionamento com os vizinhos e com o entorno.

O exemplo deste relacionamento citado pelos assentados se caracteriza pelas: parcerias, ajuda mútua, preocupação pelos que estão em vulnerabilidade, aconselhamento e troca de experiências.

As expectativas e sonhos são importantes para a motivação das famílias. Segundo um jovem assentado as expectativas para os jovens :

A maioria tem vontade de ficar aqui dentro, mas tem uns assim que tem, que, completam a idade, vai saindo do assentamento. Mas eu acho assim, que eles querem só é ir pra lá, sair fora do assentamento pra se sustentar financeiramente mas se tivesse alguma coisa que financeiramente quisessem aqui dentro do assentamento, eu acho que eles não sairiam não. (Depoimento de uma jovem do Palmares I, julho de 2006).

Estas expectativas são a garantia da estabilidade das famílias em primeiro lugar, depois a organização da gestão do assentamento e viver sem dificuldades. Ter sonhos é importante para garantir a perpetuação das atividades futuras no assentamento. Não sonhar sozinho, calado, mas sonhar coletivamente é expressar o potencial e a garantia de sucesso.

É possível viver no Semi-Árido, porém antes é necessário uma cultura de convivência que considere o fenômeno da seca, os recursos naturais disponíveis e a cultura dos seres humanos que povoa estas áreas. Em reflorestar as matas e sensibilizar as pessoas a se organizarem, dominando técnicas de produção, de armazenamento da água e dar acesso às famílias, à participação de políticas públicas que garantem seus direitos já constituídos. Um exemplo de convivência é a permanência de 110 famílias do assentamento Palmares, onde

muitas famílias já moram no assentamento por mais de 10 anos, vivendo em terras com por cento Semi-Árida, tem procurado estratégias de convívio com a seca para garantir a sua reprodução e produção. A convivência com o Semi-Árido se dá no dia-dia, no cotidiano das famílias rurais, no resgate da cultura e da cidadania, mesmo que limitados, eles têm encontrado mecanismos de sobrevivência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTICULAÇÃO NO SEMI-ÁRIDO-2004. Disponível:  
[http://www.asabrazil.org.br/body\\_semiarido.htm](http://www.asabrazil.org.br/body_semiarido.htm). Acessado em: 30 fev. 2005.

BEZERRA, Nizomar Falcão. **Fragmentando o território: bases para o desenvolvimento do Semi-Árido do Ceará**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004. 190p.

CARVALHO, Horácio Martins de. Repensando o referencial teórico do campesinato. In: \_\_\_\_\_. **O campesinato no século XXI: possibilidade e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FILHO, Francisco de Assis Souza. Natureza e desenvolvimento nos Semi-Áridos. FILHO, Francisco de Assis de Souza, MOURA, Antônio Divino (orgs). **Memórias ao Semi-Árido: natureza e sociedade nos Semi-Áridos**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

INCRA- PROJETO LUMIAR - **Plano de Desenvolvimento do Assentamento Palmares** - (1998)

MAGALHÃES, Antônio Rocha. Alternativas para o Semi-Árido: desenvolvimento sustentável. FILHOS, Francisco de Assis de Souza, MOURA, Antônio Divino (orgs). **Memórias ao Semi-Árido: natureza e sociedade nos Semi-Áridos**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

MAIA, Gerda Nickel. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. São Paulo: D e Z computação gráfica e Editora, 2004. 413p.

MATTOS, Beatriz H.O. M. (org). **Educação no contexto com o Semi-Árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

POLETTTO, Ivo. Da indústria da seca para a convivência com o Semi-Árido brasileiro. In: **Cáritas Brasileira, Comissão Pastoral da Terra. Água da chuva: o segredo da convivência com o Semi-Árido brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2001.

RUFINO, Osmar. O Semi-Árido brasileiro: alguns traços físico-ambientais e sócio econômicos. 2003 (mimeo).

SALES, Maria Ivane; MARTINS, Aurilene Carvalho. **Resgate histórico:** de Piranhas à Crateús. Fortaleza, 1995.

VIEIRA, Maria de Lourdes Gomes. **Análise das políticas compensatória e das estratégias de sobrevivência do homem do campo, principalmente no período da seca:** um estudo de caso. 2004. 48f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.